



## HARAGEI E O BUGEI

Muito recentemente fui abordado por alguém muito intrigado sobre o processo da reestruturação mental que se faz como método de trabalho dentro do Bugei e nomeadamente na área da psicologia. A primeira coisa que tive de esclarecer é que não é uma abordagem exclusiva da psicologia mas abrange outras abordagens e é muito mais subtil. Não é um processo de trabalho ocidentalizado. Não é programação neuro-linguística. Tem semelhanças mas não é.

Um dos exemplos que dei, para facilitar a compreensão, foi que, qualquer pessoa tem processos mentais de raciocínio, de reflexão e faz as suas análises. Quando isso é feito em proximidade ou em conjunto com outra pessoa os processos mentais já não são os mesmos. Há uma influência do outro nos nossos processos e no outro, ou seja, ambos de influenciam, e quando essa influência não há, segundo a nossa perspectiva, é porque existe um bloqueio, porque o normal é, entre outras coisas somos compostos por energia, e não somos só energia (é preciso esclarecer isso), e ela vai influenciar, ou “afectar” o outro. Nesse processo de influência vai naturalmente afectar o pensamento. Dando outro exemplo. Segundo uma perspectiva da antropologia o estudioso, deve ser o mais neutro possível para não influenciar o grupo que observa porque se interagir de uma certa e determinada forma vai condicionar os comportamentos desse grupo e eles deixam de agir naquilo que seria o natural, devido à presença do estudioso. A física quântica também afirma que só o processo de observar um fenómeno ele será afectado. Estamos então perante a compreensão que o acto de raciocinar ou transmitir algo, ou mesmo estar em contacto com alguém vai afectar o pensamento de ambos. Como disse anteriormente, só não se será afectado, se a pessoa não tiver condições empáticas e isso será um problema psicopatológico, típico de psicopatas que funcionam “em circuito fechado”. Há também o caso de pessoas que estão tal forma “abertos” que não são capazes de manter a sua personalidade. São dois casos extremos, mas o caso normal e é esse que nos interessa haverá uma influência.

Aquilo que é fundamental é saber agir e filtrar os processos que nos possam condicionar, ou afectar, evitando criando desequilíbrios que nos prejudicam, e assim manter aquilo que pretendemos, aquilo que é o nosso raciocínio, não deixando de manter o lado empático, receptivo.

Este processo de estudo, que faz parte do estudo do Haragei, a arte do ventre, não é uma metodologia rígida e é associado a uma relação designada, quando há a presença de um processo pedagógico, da relação senpai/kohai (mais velho/mais novo). O senpai irá observar atentamente a psicologia, a personalidade da pessoa que está sob a sua orientação e irá criar os acontecimentos, as conversas, para garantir que o aluno tenha as condições para se auto-observar e poder desenvolver, aquilo que interiormente (no aluno) é o processo adequado, pois não há formas rígidas, de interagir com outros sem ser “influenciado”.

Dentro do Bugei privilegiamos, uma abordagem de trabalho clássico, Koryu, em que o senpai e o kohai devem ter uma relação muito pessoal, que não é uma relação de grupo, um trabalho muito direccionado pessoa a pessoa. O grupo torna-se muito mais complexa, pois três pessoas e dois são situações diferentes. O aumento de pessoas dilui em parte a relação mas intensifica as tensões. Esta a



explicação porque antigamente um mestre, um orientador, teria poucos alunos. Esses alunos no momento certo deveriam estar preparados para iniciarem então, por sua vez, um processo de orientação de outros. Assim crescia a Escola, e haveria sempre uma ligação muito intensa entre o professor e o aluno, à semelhança do que é uma relação pai/filho.

Quando se fala no processo colectivo, lembro aquilo que surge em algumas organizações onde pessoas com capacidade de gerir, de forma abusiva, a energia colectiva fazem-no conscientemente, ou não. Quanto maior o grupo seja mais fácil se torna a manipulação. É o caso de situações com características de seitas onde o dirigente usando a força do colectivo leva o grupo a processos de histeria. Este processo não se restringe a seitas, também o vemos em grupos políticos, eventos desportivos e outras situações de movimentação de massas. No aglomerado de massas há um acumular de energia que ao ser catalisada pode ser usada para estes processos perversos. Outra situação que refiro é o isolamento, num espaço limitado, sem possibilidade de dissipação da energia, por exemplo de naufragos ou marinheiros de um submarino. A tensão gerada é de tal forma que há que ter alguém em tempo permanente a controlar a energia de forma a evitar confrontos, aliás é uma matéria de estudo para quem tem responsabilidades dentro deste tipo de embarcações. É exemplo disso também as grandes urbes.

Concluindo. Todo o trabalho de um praticante de Bugei deve passar pela compreensão dos processos mentais e a forma de os gerir de forma a poder usando criativamente a energia criada, faze-lo sem desenvolver processos que podem ser altamente penalizantes, tanto para o professor como para os alunos. A arte por excelência que estuda estes processos é o Haragei e deve ser incentivado o aluno a desde cedo a conhecer e a usá-la.

Lisboa, 13 de Setembro de 2014